



*Cláudio de Cicco*

## A IGREJA CATÓLICA, AS ORDENS DE CAVALARIA E OS TEMPLÁRIOS



**‘NON NOBIS, DOMINE, NON NOBIS,  
SED NOMINI TUO DA GLORIAM.’**

**(Salmo 113 e Lema da  
Ordem dos Templários)**



## **A IGREJA CATÓLICA CONSTRUTORA DA CIVILIZAÇÃO: AS ORDENS DE CAVALARIA**

### **1ª PARTE: A IGREJA CATÓLICA NA INSTITUIÇÃO DAS ORDENS DE CAVALARIA NA IDADE MÉDIA**

#### QUESTÕES PRELIMINARES

**1ª QUESTÃO:** É A RELIGIÃO CRISTÃ COMPATÍVEL COM O ESPÍRITO DE LUTA?

Antes de abordarmos a matéria da instituição de uma organização ao mesmo tempo religiosa e militar, é preciso reconhecer que hoje estamos totalmente despreparados para compreender o ideal almejado, por dois motivos principais:

a) Primeiro, porque nossa cultura está impregnada de uma visão romântica da religião;

b) Em segundo lugar, porque o Concílio Vaticano II e a Reforma da Liturgia retiraram completamente qualquer alusão à militância ou agressividade das antífonas, orações e hinos recitados durante quase dois mil anos pela Igreja Católica Romana.

A Igreja sempre ensinou que a verdadeira santidade é o heroísmo na prática das virtudes. A honra dos altares não é concedida às almas hipersensíveis, sentimentais, fracas, que fogem do sofrimento, da luta, da Cruz. Lembrada da palavra de seu Divino Fundador, "o Reino dos Céus é dos violentos", a Igreja só canoniza os que em vida combateram bravamente o bom combate, sacrificando tudo para seguir tão somente a Nosso Senhor Jesus Cristo. Na realidade, a santificação implica no maior dos heroísmos, pois supõe não só a resolução firme e séria de sacrificar a vida se preciso for,



para conservar a fidelidade a Jesus Cristo.

No entanto, não é o que parece, se olharmos para a maioria dos “santinhos” e imagens que ornaram as igrejas: os Santos nos são apresentados como pessoas moles, sentimentais, sem personalidade nem força de caráter, incapazes de idéias sérias, sólidas, coerentes, almas levadas apenas por suas emoções, e, pois, totalmente inadequadas para as grandes lutas que a vida terrena traz sempre consigo.

Vejam os alguns exemplos típicos de Santos e Santas representados em estampas que correm mundo.

### **Santa Terezinha do Menino Jesus:**



É claro que isso não atrai as pessoas que, por sua forte personalidade e dons de liderança não se identificam com tais amostras de “ideal humano”.



Felizmente para nós, esta Santa foi fotografada várias vezes por sua irmã Celina (Irmã Genoveva da Santa Face):



Esta fisionomia revela uma tranquilidade profunda, mas o olhar tem uma firmeza, uma energia, sua expressão revela uma harmonia que só as almas de uma grande força de vontade possuem. Segura o ramo de lírio, poderia estar empunhando uma espada, ela que confessa em sua “História de uma Alma” que teve sempre enorme atração por Santa Joana d’Arc.

Outro Santo bastante mal representado pela iconografia é o célebre aluno de São João Bosco, São Domingos Sávio:



Pureza, gentileza, sim, mas também algo de muito frágil... Bem diferente da foto verdadeira:





Maquiado para ser “jovial”, perdeu-se sua profunda seriedade de expressão, própria de um menino cujo lema foi “Antes morrer que pecar”.

Pobre São Luís Gonzaga:



A cabeça inclinada da primeira imagem contrasta com a altivez da segunda pintura, esta autêntica. Em suma, São Luís Gonzaga foi um santo que teve a força de alma de ser puro e casto em uma corte poluída do Renascimento. Qual fisionomia nos revela esta fortaleza cristã?

b) Como se não bastasse todo o romantismo herdado do século XIX, ainda houve o abandono total de toda herança litúrgica que pudesse lembrar a combatividade, por parte da Reforma Litúrgica do Concílio Vaticano II. Alguns exemplos colhidos pelo célebre liturgista Dom Edouard Guillou: a oração antiquíssima:



*"Hostium nostrorum... elide superbiam: et eorum contumaciam dexteræ tuæ virtute prosterne"*. (De nossos inimigos... afasta a soberba: e sua insistência a virtude de tua destra esmague.) foi totalmente suprimida. "A Igreja não tem mais inimigos...!"

*"Per signum Crucis de inimicis nostris libera nos, Deus noster..."* (Pelo sinal da Cruz, de nossos inimigos livra-nos Deus nosso”.

Substituída por:

“Ao serdes exaltado na Cruz, Jesus, atraí a todos.”

Para que? Para retirar o caráter combativo antigo do ”novo catolicismo”. Os exemplos são inúmeros, pois era de se esperar isso mesmo, por parte do ecumenismo que leva ao diálogo como o de Assis, em que o papa João Paulo II orou com todos os líderes de todas as religiões inclusive a budista que não acredita em um Deus, pela paz no mundo.

## **2ª QUESTÃO: O QUE HÁ DE VERDADEIRO NAS IMAGENS IDEALIZADAS OU DISTORCIDAS DA CAVALARIA MEDIEVAL DOS FILMES E NOVELAS?**

Talvez porque a nossa civilização esteja passando por intensas e frequentes crises é que nós voltamos continuamente a indagar a origem dos nossos valores. Assim como há aqueles que contestam esses valores, há também aqueles — felizmente em grande número — que procuram sua fundamentação maior, a razão de ser desses valores. E



exatamente a Idade Média é uma época muito interessante para o conhecimento de nossa civilização, porque foi a fase em que esta civilização ocidental praticamente tomou a conformação que tem até hoje.

A Idade Média constituiu-se como uma ponte entre a Antiguidade e os Tempos Modernos, motivo pelo qual tomou esse nome. Deixando completamente de lado aquela ideia, mais ou menos simplista, que nos vinha desde o início do século passado, de que o período medieval era uma época que não tinha nada de interessante para ser estudado, hoje a reavaliação da Idade Média é uma obra acabada. Grande número de autores se dedicou a examinar os vários aspectos dessa civilização, mais precisamente no que concerne às Ordens religioso-militares e à Cavalaria.

A respeito da Cavalaria, temos basicamente três visões incorretas, que devem ser afastadas, pois, do contrário, não a entenderemos em seu verdadeiro significado.

1. Primeiramente, existe uma concepção da Cavalaria, muito difundida com a obra de Miguel de Cervantes, que lemos em versões para a infância, para a juventude e, depois, para a idade adulta: a novela cômica "Dom Quixote de La Mancha".

Este livro de Cervantes, que é uma grande obra do ponto de vista de análise psicológica do povo espanhol, contribuiu grandemente para difundir uma imagem da Cavalaria em que ela é, ao mesmo tempo, admirável e ridícula. Fica, então, em nossa mente, a ideia de que o cavaleiro é capaz de atos de imenso heroísmo, mas que também está próximo do desequilibrado mental, como na ocasião em que Dom Quixote, andando com seu escudeiro pelo campo, via uma pessoa ser ferida por bandoleiros, indo em seu socorro: na realidade se tratava de alguém que estava sendo levado por seus parentes a algum lugar; ou quando atacava moinhos de vento, pensando serem gigantes. Assim, fica realmente gravada em nosso inconsciente essa ideia de que o espírito da Cavalaria é algo de muito bonito, grandioso, mas que também chega a ser ridículo. Daí que, quando presenciamos uma determinada atitude heróica, dizemos que é uma "atitude de Dom Quixote"; uma pessoa que quer enfrentar sozinha uma situação difícil é





um "Dom Quixote", porque fica em nossa mente a ideia de que o cavaleiro andante é um indivíduo não muito sensato. Podemos assegurar, porém, que o espírito da Cavalaria era exatamente o contrário disso. Se há algo de fundamental nessa instituição, foi exatamente a consciência do ato que se estava praticando e, portanto, absoluta sensatez: longe de tudo que pareça uma loucura, uma bravata, que, no entanto, é o que manifesta a novela de Miguel de Cervantes.

Escrito numa época (século XVI) em que a Cavalaria havia entrado já em decadência, o autor talvez quisesse pintar aí exatamente essa decadência. Não esqueçamos que o personagem principal, Dom Quixote, ficou louco de tanto ler os famosos "Romances de Cavalaria", que eram uma espécie de exagero da Cavalaria. Com narrativas lendárias e fantasiosas, contribuíam para dar uma ideia exagerada da coragem. Um cavaleiro era aquele que enfrentava dragões, monstros, que subia até o céu e descia até o inferno, como "Amadis de Gaula", que conseguiu sair do inferno por sua coragem. Esses contos, mais ou menos fantasiosos, tinham sido a leitura habitual de Dom Quixote, que, com isso, ficou louco e saiu pelo mundo querendo consertá-lo. Não se pode confundir isto, porém, com o apogeu da Cavalaria medieval. Não há dúvida de que essa crítica da decadência contribuiu como uma crítica de toda a Cavalaria andante. Quando falo da Cavalaria "andante", aí é que os senhores vão lembrar mesmo de D. Quixote, pois ele era um cavaleiro "andante", que "andava pelo mundo". Esta é uma imagem que não corresponde à realidade; qualquer coisa de "quixotesco", de tresloucado, de fantasioso, não pertence à Cavalaria, que podemos definir como uma instituição baseada numa seriedade absoluta perante as suas obrigações. Longe, então, da bravata, ou da fantasia, os cavaleiros tinham pés firmes na terra e não confundiam, absolutamente, coragem com temeridade, ou dedicação com fantasias e sonhos.

2. Uma outra imagem, - esta idealizada - e que talvez seja a que foi mais divulgada hoje- é aquela difundida pelo cinema norte-americano, e também pelas histórias em quadrinhos nele baseadas e vice-versa, que faz do cavaleiro o herói romântico da Idade Média, embora certas histórias em quadrinhos como a do "Príncipe



Valente" de Harold Foster, na década de 30 e 40 tiveram melhor cuidado na recriação dos "tempos do rei Artur", que muitos romancistas de fama.

Houve uma década em que praticamente a metade dos filmes de Hollywood tratando do assunto difundia uma imagem do cavaleiro que era, no fundo, análoga à do "cowboy", só que a ação se passava na Europa da Idade Média, e não no Arizona, no faroeste americano.

Vemos, então, a imagem de um cavaleiro andante belo e ágil, principalmente do ponto de vista físico, e que foi inspirado nos célebres romances de Sir Walter Scott ou Robert Louis Stevenson do século dezanove.

Não é o Quixote ridículo, mas sim uma figura simpática, que não tem o alcance do personagem de Cervantes, porque não pretende ser uma crítica. É a figura de um bom rapaz, que luta contra o mal e sempre triunfa no final, ficando com a heroína: uma idéia de Cavalaria que se difunde num clima de puro romantismo, próprio desses filmes, em que as histórias são fantasiosas, variando um pouco o cenário histórico de fundo.

Então, não temos ainda nenhum retrato verdadeiro da Cavalaria medieval. O "happy end", o final feliz obrigatório dos filmes norte-americanos da década de 30 a 50 nem sempre corresponde ao espírito da Cavalaria, em que, muitas vezes, a suprema vitória está exatamente na imolação: o cavaleiro sacrifica inclusive a própria vida, o que não acontece nesses filmes, em que sempre há, para o herói, um meio de se salvar. E assim identificamos a Cavalaria cinematográfica, como, por exemplo, do filme "Ivanhoé" de 1952, onde a derrota é encarada como o maior dos malogros, e a perda da vida por parte do herói nem se cogita. Isto, repetimos, não retrata condignamente o espírito da Cavalaria, que implica em imolação e sacrifício, como veremos.

3. Há ainda outra imagem da Cavalaria, felizmente menos conhecida no Brasil, que foi difundida pelo cinema soviético. O cineasta russo, de origem alemã, Eisenstein fez uma série de filmes, dos quais o mais famoso foi "Alexandre Nevski" de



1938, em que apresenta a Rússia sendo invadida pelos cavaleiros teutônicos. É o oposto daquele ideal romântico dos filmes norte-americanos das décadas de 40 e 50. É o cavaleiro brutal, impiedoso, cruel, que oprime os fracos e pequenos, que só está bem junto dos poderosos. Os cavaleiros do filme "Alexandre Nevski" atacavam mulheres e crianças, mais fáceis de vencer, e covardemente fugiam de outros guerreiros. Aqui também temos uma imagem completamente distorcida, porque um dos princípios da Cavalaria é a defesa dos fracos contra os fortes, do oprimido contra o opressor. Esta imagem negativa também foi divulgada pelo cinema norte-americano em filmes recentes como "A Cruzada", de 2005, que tenta denegrir bastante os cavaleiros cristãos.

Então, essas três imagens — o cavaleiro louco. D Quixote: o cavaleiro romântico — do cinema americano dos anos 40 e 50, e o cavaleiro brutal do cinema russo — não correspondem à do verdadeiro cavaleiro medieval.



Ilustração de um Cavaleiro Templário

## **FONTES HISTÓRICAS PARA O ESTUDO DA CAVALARIA**

Para compreendermos a verdadeira Cavalaria medieval, é necessário irmos até os textos autênticos. É um longo trabalho de pesquisa, já desenvolvido por alguns historiadores. Não basta ler romances, ou gibis, assistir a filmes ou peças de teatro. É preciso pesquisar nas fontes, e nós temos fontes fidedignas. São textos contemporâneos do apogeu da Cavalaria, conservados nas grandes bibliotecas.

Existem três tipos de documentos que nos podem servir como guias para o conhecimento da Cavalaria.

O primeiro documento de valor são as “Canções de Gesta”. A mais importante de



todas foi escrita na França, a "Chanson de Roland". As canções de gesta são poemas recitados pelos trovadores da Idade Média, séculos XI e XII, narrando as histórias dos cavaleiros. É possível fazer toda uma reconstituição da Cavalaria através dessas canções. Este trabalho foi desenvolvido por Léon Gautier, no livro "La Chévalerie", onde faz um estudo baseado nas canções, sobre a vida do cavaleiro (desde que ele nasce até que morre, como o momento em que entra na Cavalaria, etc.), usando apenas documentos das canções de gesta, que são, para o conhecimento da Cavalaria, um documento análogo aos versos de Homero para o conhecimento dos primórdios da Grécia. É perfeitamente possível reconstituir a vida dos gregos antigos através da "Ilíada" e da "Odisséia", assim como é possível reconstituir a vida dos cavaleiros através das canções de gesta. São documentos muito importantes e sérios, e historicamente irreprensíveis.

Outros documento valiosos são as Regras das Ordens de Cavalaria, que ainda hoje se conservam, tendo sido redescobertas algumas que permaneciam ocultas. A "Regra dos Templários", por exemplo, foi redescoberta no século XVIII. Hoje, depois de muitas pesquisas para se constatar sua autenticidade, chegou-se à conclusão de que essas regras conferem com todos os outros documentos históricos que falam dos Templários. As regras nos dão mostra do que significava o ideal que era proposto para os indivíduos que entravam para as Ordens de Cavalaria. Se depois não fosse cumprido esse ideal, isto era uma outra questão, que não destitui a Cavalaria de sua característica. A objeção contra esse documento de reconstituição da vida da cavalaria é a seguinte: essas regras são abstratas; que aconteceria na ordem concreta? Raciocinando assim, nenhuma regra teria valor, pois, sempre que se passa da teoria à prática, há todo um cunho pessoal que a pessoa imprime, vivendo a regra ou negando a regra. Isto também poderia acontecer, e acontecia: havia muitas expulsões na Cavalaria. Mas as regras mostram o ideal que eles tinham em mente, o que se esperava encontrar numa pessoa que passava a pertencer à Cavalaria. E essas regras estão acessíveis a todos aqueles que as quiseram consultar, nos arquivos da Europa e nas bibliotecas mais importantes dos Estados Unidos.



Encontramos também nos sermões da Idade Média outra dessas fontes. Os sermões eram o grande meio de comunicação na época, e aí se encontra um retrato da Cavalaria. Existem sermões sobre ela, sobre cavaleiros que acabaram de morrer, ou sobre um que acabou de receber o título, etc. Então, é possível vislumbrar o ideal de vida e da época lendo-se esses sermões, alguns referentes à própria Cavalaria, como é o caso do sermão pronunciado pelo abade São Bernardo de Claraval sobre a Ordem Templária, o qual estaria exposto a toda crítica se retratasse algo diferente da realidade, pois os atos dos templários existiam aos olhos de todos. Assim, a fidelidade à verdade é fácil de ser encontrada nesses sermões, dos quais alguns já foram traduzidos do latim para as principais línguas modernas.

Estes são os documentos principais, além de todos os outros normalmente utilizados em toda reconstituição histórica, como crônicas, testamentos, correspondência: (há pouca correspondência, numa época em que quase ninguém sabia ler). Através das canções de gesta, das regras da cavalaria e dos sermões, podemos reconstituir toda a história da Cavalaria.

## **ORIGENS HISTÓRICAS DA CAVALARIA**

Poderíamos dizer que, enquanto formação de combate, a Cavalaria existiu em todos os povos do mundo, desde que o cavalo começou a ser utilizado pelos guerreiros como veículo. Aqueles que podiam adquirir um cavalo participavam da guerra com mais vantagem. Nesse sentido, houve Cavalaria na Grécia, na Pérsia, em Roma, enfim, em todos os países em que o cavalo foi utilizado na guerra.

Mas não é sob esse prisma que estamos estudando a Cavalaria, e sim da "Instituição da Cavalaria" cuja quintessência foram as Ordens Equestres na antiga Roma, que reuniam a nata da aristocracia patrícia e as Ordens de Cavalaria da Idade Média e Moderna, algumas sobrevivendo até os nossos dias.



A Cavalaria é uma instituição que surge a partir da ideia do homem que monta a cavalo, ou seja, simbolicamente, do espírito que domina a matéria, do superior que domina o inferior e que tem, na Antiguidade, o seu antepassado mais remoto na figura mitológica do centauro, um ser meio-homem e meio-cavalo. A partir dessa ideia desenvolveu-se entre os bárbaros germânicos, uma instituição que teve, mais ou menos, as características de Cavalaria medieval. As tradições indicam que, ainda longe do contato com a civilização romana, eles já conheciam a Cavalaria. Por esse caminho chegaríamos a uma ideia de Cavalaria nos primórdios da Humanidade; mas quem, na verdade, captou essa tradição foram os homens da Idade Média com a instituição da Cavalaria, onde as pessoas faziam parte de um grêmio, de uma associação, em que os mais fortes ajudavam os mais fracos.

A Igreja Católica Romana teve um papel muito importante na criação da Cavalaria, que logo se revestiu de sacralidade, como se nota na velada de armas do futuro cavaleiro, diante do altar de uma igreja ou capela, em oração, preparando-se para o grande dia de sua entronização na Cavalaria.

Aliás, por aí se vê que a civilização ocidental na Idade Média não foi simples somatória dos fatores greco-latinos remanescentes com os fatores germânicos. Houve um “quid” que se deve atribuir à ação civilizadora da Igreja, a qual, no dizer de Donoso Cortés, *“tirou um monumento, de uma ruína; uma instituição, de um costume; um princípio, de um fato; uma lei, de uma experiência; e, para dizer tudo de uma vez, o ordenado, do exótico; o harmônico, do confuso”* (Carta ao Diretor da *Révue des Deux Mondes*).

O que fez a Igreja, no início da Idade Média, foi admitir a existência de uma força justa, de uma guerra justa, de um instrumento bélico que estivesse de acordo com os seus princípios. Para isso, bastava abrir o Antigo Testamento, pois o que ali não faltam são guerras. Mas a concepção do Novo Testamento era diferente, e a Igreja não poderia, de maneira alguma, renunciar completamente à mensagem evangélica só por serem os



romanos ou os germânicos excessivamente aguerridos. Era preciso temperar um pouco a sua agressividade com ensinamentos evangélicos de bondade, fraternidade, e, ao mesmo tempo, canalizar sua violência atávica para um sentido bom, construtivo, a fim de não se transformar em força destrutiva dentro da sociedade.

E, realmente, a Igreja atinge isso com a instituição da Cavalaria. Canalizando todo aquele furor, que levava os barões germanos a guerrearem entre si e a se desafiarem em duelos continuamente, a Igreja conseguiu direcionar toda essa energia num único objetivo: sanear as injustiças da sociedade.

### **CARACTERÍSTICAS E FINALIDADE DA CAVALARIA**

Num momento em que realmente havia situações de opressão, a Cavalaria surgiu como força de fiscalização social e, ao mesmo tempo, como tentativa de restabelecer o equilíbrio perdido a partir da queda do Império Romano, quando passou a não haver praticamente nenhuma autoridade centralizadora e se desenvolvia o regime feudal de pequenos reis ou suseranos, com vastas regiões desérticas ou de florestas ermas, sem nenhuma polícia ou salvaguarda dos transeuntes contra os assaltantes. Esse foi o momento histórico em que veio à luz a Cavalaria.

Poder-se-ia aqui fazer uma outra questão: quem poderia ser cavaleiro?

A rigor, qualquer pessoa poderia sê-lo, porque, nesta concepção de melhor direcionar a força guerreira, quanto maior o número de pessoas a integrar a Cavalaria, tanto mais facilmente se atingiria a finalidade proposta.

Mas o que gostaríamos de salientar aqui é que nessa instituição poderiam entrar tanto os filhos de camponeses quanto os filhos de nobres. Não esqueçamos de que a Idade Média era aristocrática, e que existia a separação de classes: filho de nobre era nobre, e filho de plebeu era plebeu, e este não tinha condições de pertencer à nobreza,





podendo, no entanto, ingressar na Cavalaria, onde iria ombrear com o filho do nobre.

Assim, em plena Idade Média, o filho do nobre, que nasceu num castelo, e o filho do camponês, que nasceu numa choupana, ao entrarem na Cavalaria tinham as mesmas obrigações e os mesmos direitos. Isso representava uma oportunidade de ascensão social, porque, quando um indivíduo pertencia à Cavalaria, estava socialmente um degrau acima daquele que era simples plebeu.

Não podemos, assim, confundir Cavalaria com nobreza, coisa que ocorre muito frequentemente. Havia nobres que eram cavaleiros, e nobres que não o eram. Havia camponeses que eram cavaleiros, e isto é notável. Porque o nobre não deixava de ser nobre quando entrava na Cavalaria, mas o plebeu subia socialmente se se tornasse cavaleiro.

Na Cavalaria, naqueles direitos e naqueles deveres dela decorrentes, naquela associação, eram iguais.

E esta é a igualdade fundamental, no ideal, que não se faz quando o indivíduo renuncia à sua própria personalidade, ao seu próprio “status” social e, demagogicamente, faz-se passar por humilde e depois volta à sua posição, sem entregar nada; o nobre permanecia com todos os seus privilégios, mas era capaz de morrer pelo outro se este era cavaleiro, não importa se filho de camponeses; esse cavaleiro era seu irmão!

Aí surge a ideia de fraternidade, ideia esta de uma força incrível para causar transformações sociais, maior do que qualquer outra força de oposição de classes que se possa imaginar.

Desse modo, qualquer pessoa poderia pertencer à Cavalaria.

No entanto, o filho de um cavaleiro que não manifestasse esse tipo de interesse não seria cavaleiro por hereditariedade. Era um título que trazia obrigações; então, se o



indivíduo entrava na Cavalaria era porque havia compreendido o seu ideal, e não por outras razões; pois, se fosse nobre, isso não iria acrescentar nada em termos de título; se fosse burguês rico, não aumentaria sua riqueza; e, se pobre, sabia que através dela não adquiriria mais terras. Por isso, a Cavalaria foi uma instituição a acolher sempre uma elite de melhores pessoas de todas as classes.

Somente um cavaleiro poderia transformar em cavaleiro quem não o fosse. A entronização na Ordem, em certo sentido, era compreendida como um sacramento que se recebia, e que só poderia ser transferido por alguém que já tivesse sido sagrado. Havia uma cerimônia para marcar bem a importância do momento de ingresso, para que não mais se esquecesse de que era cavaleiro; e essa cerimônia culminava com a entronização ou iniciação do indivíduo na Cavalaria. Essa entronização também só poderia ser feita por outro cavaleiro. Mesmo o rei, se não fosse cavaleiro, não poderia atribuir esse título. Há episódios históricos em que o monarca mandava chamar um cavaleiro para sagrar o seu filho, porque, não sendo ele próprio um cavaleiro, não podia sagrar o jovem, que tinha manifestado o desejo de ingressar na Ordem. Então, era preciso buscar alguém em outra cidade longínqua, pois ele, como rei, senhor de todas as terras, de todas as regiões de seu reino, não podia conferir esse título. E isso era absolutamente respeitado, sendo considerado nulo o ato de consagração realizado por alguém que não fosse cavaleiro.

## **O CÓDIGO DA CAVALARIA**

Havia um código da cavalaria, que eles decoravam no período em que se apresentavam como candidatos. Quando se apresentava um candidato perante um cavaleiro, dizendo: "eu quero ser cavaleiro", passava a ser auxiliar desse mesmo cavaleiro, com a denominação de pajem, ou escudeiro e aprendia uma série de coisas importantes para a guerra, mas o mais importante era que aprendesse o código do cavaleiro. Num momento em que quase ninguém sabia ler nem escrever, era muito



importante a memorização. Por isso tinha de ser um código bem simples.

Eram dez os mandamentos. O primeiro mandamento era o de crer em Deus; o cavaleiro não podia dizer que não acreditava em nada. Segundo, tinha de proteger aqueles que também acreditavam; ele acreditava, e protegia os crentes. Terceiro, respeitar os mais fracos; quarto, amar o seu país; quinto, nunca recuar perante o inimigo; sexto, fazer guerra contra os inimigos da fé, referindo-se aqui aos muçulmanos; sétimo, cumprir os deveres feudais; oitavo, ser fiel à palavra dada (numa época em que não havia escrita, a palavra era fundamental); nono, ser liberal e generoso; décimo, ser o campeão do direito e da justiça, contra o mal e a injustiça. Isto eles decoravam, tinham bem presente. Há episódios históricos a mostrar que isto era seguido à risca.

Certa vez, no decorrer de uma determinada guerra entre França e Inglaterra, um cavaleiro francês foi preso pelos ingleses e mantido prisioneiro em um castelo. Mas, em vez de o colocar em um calabouço, com muralhas, etc., quando soube que o prisioneiro era um cavaleiro, o dono do castelo, também cavaleiro, mandou chamá-lo e perguntou: "o senhor jura que não fugirá?". Ante a resposta afirmativa, deixou-o livre; ele andava pelos quartos do castelo, ia até a cidade, voltava. Até que avisaram o prisioneiro de que sua mulher, na França, estava morrendo. Então ele pediu licença ao dono do castelo para ir à França; foi até sua cidade, assistiu a mulher em seus últimos momentos e amparou seu filho, que disse: "então, agora o senhor fica conosco". E ele respondeu: "Não, eu tenho de voltar, porque sou prisioneiro daquele barão e dei minha palavra de que não fugiria". E voltou. Século XI, *idade de trevas!*...

Realmente era assim para eles a palavra dada, era uma grade de ferro, mais forte que qualquer outra coisa. E, para o homem da Idade Média, a coisa mais horrível que poderia acontecer era faltar à palavra dada, isso era considerado o crime mais hediondo; nem o assassinio, nem o rapto, nem a violação ou o roubo eram tão horríveis quanto a traição. Se alguém era chamado de traidor, havia um duelo na certa, pois esta era a maior ofensa que se podia ouvir. Realmente, numa época em que a palavra dada era o



mais importante nas relações sociais, quem faltasse a essa palavra dada se expunha a não ter mais alguém que o ajudasse, por tratar -se de uma pessoa em quem não se podia confiar. Então, vê-se que era seguido à risca esse mandamento do código da Cavalaria que diz: "não faltarei à palavra dada".

Há também um episódio da Guerra dos Cem Anos em que o comandante supremo das forças francesas, por uma série de problemas, desgarrou-se de seu exército apenas com alguns oficiais. Estavam eles andando por um bosque, para não serem percebidos pelos ingleses, e, de repente, notaram que havia uma patrulha inglesa que poderia surpreendê-los; estariam perdidos se fossem descobertos por essa patrulha. Assim, foram até uma cabana próxima pedir licença para se esconderem ali. O camponês disse "não posso deixar que vocês entrem agora, porque minha mulher está com as dores do parto; os senhores esperem". Então, eles ficaram esperando até que foram avisados que o parto havia-se dado e que eles podiam entrar. Só então eles entraram na cabana, não usando de nenhuma violência para forçar aquele camponês. Eles não podiam pelo código da cavalaria, oprimir uma pessoa mais fraca, mesmo correndo risco de vida. Se fossem colhidos ali, seriam mortos; mas não podiam, para salvar a vida, entrar à força numa cabana. Compare-se isto com certos episódios de violência contra civis nas últimas guerras mundiais, e veremos que realmente houve um "progresso" extraordinário, do século XV ao XX...

## **O INGRESSO NA CAVALARIA**

Vejamos agora como se dava o ingresso na Cavalaria. O indivíduo que não quisesse entrar não poderia ser forçado. Era como um sacramento. Primeiramente se perguntava: "Queres ser?". Porque se considerava uma indignidade para a própria instituição que alguém tivesse sido forçado. Mesmo porque não iria ganhar nenhum benefício com isso, só iria arcar com obrigações. Este era um dos pré-requisitos. Além disso, alguém que tivesse sido acusado de qualquer traição jamais poderia ser admitido à Cavalaria;



também quem fosse conhecido por perjúrio.

Normalmente a ordem de Cavalaria era recebida em determinadas ocasiões especiais, em que vários cavaleiros eram sagrados de uma só vez. Considerava-se, por exemplo, que a festa de Pentecostes era ótima para a sagração: é a festa do fogo do Espírito Santo, que baixa sobre o homem e o dignifica; poderia ser também na festa da Páscoa, pelo simbolismo que tem a ressurreição de Cristo. Poderia ser numa ocasião de torneio, onde vários cavaleiros de diversas regiões e nações se enfrentariam numa lição, como exercício de guerra; era o momento de se pedir para ser admitido na Cavalaria. Não eram raros, porém, os episódios de sagração nos campos de batalha. Na Chanson de Roland há momentos em que isto ocorre; o cavaleiro está em perigo de vida, e o seu escudeiro, num gesto heróico, salva a sua vida. Ante esse gesto heróico, o cavaleiro confere ao escudeiro o título de cavaleiro no desenrolar da batalha. E Napoleão, que era um grande admirador da cavalaria, em algumas ocasiões tentou imitar isto, em plena Europa do século XIX, - nomeando oficial ou general a certos soldados que se distinguiam heroicamente no curso da batalha. Isto era um estímulo para a luta e, ao mesmo tempo, uma atitude de simpatia dele para com aqueles que estavam lutando. Citamos o exemplo de Napoleão para mostrar que o espírito da cavalaria não é só da Idade Média, mas pode vigorar em qualquer época.

Também era escolhido, para a iniciação na Cavalaria, um dia significativo na vida do futuro cavaleiro, como, por exemplo, o dia em que ia partir para a guerra.

Como era feita essa iniciação? O candidato permanecia numa capela, ou em outro recinto qualquer do castelo, durante toda a noite antecedente, em vigília de armas. Essa vigília de armas era muito significativa. Ele tinha de deixar sobre o altar, ou sobre a mesa que fazia vezes de altar, alguma relíquia ou algum objeto de um cavaleiro já falecido, que era tomado como protetor. Além disso, colocava ali a espada, o capacete e a cota de malha, permanecendo a noite inteira



em vigília: sozinho, meditando sobre a responsabilidade que iria assumir, a de ser cavaleiro. No dia seguinte, bem cedo, segundo dizem as crônicas, era procurado por dois pajens, para que se iniciasse a cerimônia. Cada gesto dos pajens tinha um simbolismo, que o cavaleiro nunca mais esqueceria. Primeiramente, colocavam-lhe em cima uma túnica de arminho, dizendo: "Recebe esta túnica de arminho, como símbolo da pureza de tua intenção em todas as tuas ações". E assim, cada vez que ele colocasse ou tirasse aquela veste recordaria perfeitamente o compromisso que tinha assumido. Recebia depois uma pequena capa vermelha, sendo-lhe dito: "Recebe esta capa vermelha, como símbolo do sangue que deves derramar pela causa dos fracos contra os fortes, dos pobres contra os ricos, sempre que assim te vires obrigado". Recebia depois uma espécie de saiote, ou calça justa, de cor marrom: "Lembra-te da terra de onde saíste e para onde haverás de voltar. Sê humilde". Depois recebia um cinto dourado, que era colocado com as seguintes palavras: "Este cinto é o símbolo da castidade que deverás guardar com respeito a todas as mulheres que comparecerem perante ti, durante tua vida".

Essa ligação da ideia de pureza de costumes com o espírito guerreiro também é uma característica muito importante da Cavalaria, pois unia mortificação da sensualidade com coragem, o que o mundo moderno perdeu de vista, identificando a pureza de costumes com algo de efeminado e menos viril.

Quando recebia a espora, diziam-lhe: "Assim como esporeias o teu cavalo, deves estar submisso ao Código da Cavalaria". Assim como o cavalo obedece à espora, ele tinha de obedecer ao código ao qual iria jurar fidelidade, com rapidez e sem hesitações. Quando recebia a espada, diziam-lhe: "Lembra-te que nesta espada existe uma cruz da fé que juraste". Realmente a espada, naquele tempo, tinha exatamente essa forma, na parte superior. E muitos cavaleiros deles, próximos à morte, juravam mais uma vez fidelidade ao Código diante daquele símbolo.



Também lhe era dito: “— Lembra-te de que esta espada deverás usar para lutar pelo bem contra o mal”. Por isso, a coisa mais terrível para um cavaleiro era quebrar-se-lhe a espada: significava que sua missão estava truncada. Este era um simbolismo difícil de ser reconstruído. Roland, a ponto de morrer, quando percebe que está tudo perdido, para que ninguém quebre a sua espada (para a qual ele tinha até um nome carinhoso, chamava-a "Durindana", a espada que durava para sempre) ele a atira no rio, para que ninguém possa usá-la indignamente ou quebrá-la. Pois também outra grande humilhação para o cavaleiro era saber que alguém estava usando a sua espada para praticar morticínios, etc. Inclusive a espada era considerada como um complemento de seu próprio corpo. Ele continuamente estava com a espada; para ele, desonrar a espada era a coisa mais calamitosa que existia.

Por isso, então, Roland joga a espada no rio; e aí surge a lenda de que esta espada teria ficado para sempre no fundo do rio, nunca mais teria subido à tona, para que ninguém indigno pudesse usá-la. Somente quando surgir um cavaleiro à altura de Roland para utilizá-la é que ela novamente subirá à tona. Também se costumava enterrar um cavaleiro falecido com sua gloriosa espada.

A cerimônia propriamente dita chamava-se "adoubement", ou "colée", palavras francesas, pois foram os franceses que fizeram todo o "código de cerimonial da Cavala-



ria". Quando comparecia perante o outro cavaleiro, ou quem estivesse ali com autoridade para isso, o cavaleiro recebia, no início do cerimonial, uma bofetada, que se chamava, "Ia colée", que, com a suavização dos costumes na Europa, se transforma na batida no ombro com a parte não cortante da espada, que deveria ser recebida de joelhos. A "colée" foi mudada, mas seu simbolismo permaneceu o mesmo: ainda que fosse um tapa ou um golpe no ombro com espada, o objetivo era mostrar que ele estava entrando para uma instituição onde tinha de esperar, com seu espírito, que receberia golpes, portanto não iria ser uma coisa suave. Este era o simbolismo,

### **A VIDA COTIDIANA DE UM CAVALEIRO: O TORNEIO E A GUERRA**

A vida do cavaleiro era uma vida comum, como a de qualquer indivíduo daquele tempo. Ele gozava de privilégios especiais, como já disse, mas sua vida decorria normalmente, de acordo com a posição social, fortuna, etc. Mas, vez em quando, ele tinha de se submeter a um treinamento, para não perder a forma. A ocasião para isso eram os torneios, que tinham portanto, essa função, e não só a de distração. Mas era um espetáculo muito bonito como podemos ver em algumas reconstituições cinematográficas fiéis. As pontas das lanças eram cortadas para que não se ferissem gravemente.

Quando ficavam sabendo de que ia haver um torneio, os cavaleiros se dirigiam ao local em comitivas, e havia desafios, num sentido evidentemente esportivo. Era uma espécie de competição esportiva: havia prêmios e uma grande glória em vencer o torneio. Para a conquistar, eles se preparavam, e tudo isso era uma ocasião de adestramento.

A guerra era a atividade normal do cavaleiro, pois, a qualquer momento, quando visse uma pessoa sendo humilhada ou oprimida, deveria tomar a sua defesa. Assim, a ocasião normal para mostrar o seu valor era o momento da guerra. Porque um dos





mandamentos principais, o de número 4, era o amor ao seu país. Ele tinha de combater por sua terra, em ocasião de invasão ou coisa parecida. Longe de ser um indivíduo meio fora da realidade, ele estava a par da situação do seu tempo, e quando via que seu país estava sendo invadido, ele poderia participar de seu exército, mas, durante a guerra, deveria mostrar a finalidade daqueles compromissos. Com o passar do tempo a instituição foi tomando tal prestígio que os postos-chave foram atribuídos sempre aos cavaleiros.

Por que? Porque inspiravam confiança.

A partir daí, a Cavalaria passou a ser quase que um sinal de prestígio militar também. Nem todos os cavaleiros eram, por causa disso, elevados ao comando, mas muitos aí chegavam devido à confiança que conseguiam cativar.

A guerra era a sua ocupação primordial.

A doutrina sobre a guerra, que eles aprendiam dos outros cavaleiros e confirmavam com sua própria atuação, era a seguinte: a única guerra que o cavaleiro não deve desencadear é a guerra injusta. Mas existe a guerra justa, ou seja, a guerra defensiva. Se o meu país é invadido, eu tenho o direito de tomar armas para defendê-lo. A paz pode ser uma covardia, a paz pode ser entrega, a paz pode ser uma capitulação. Assim, a guerra melhor que a paz nesses casos.

É que se desprende da transferência da ideia de legítima defesa pessoal para a legítima defesa do país invadido, dominado ou conquistado por outro. O cavaleiro ia para a guerra com este estado de espírito. Ele nunca iria, segundo o código a que se obrigava a seguir, para uma guerra injusta. E isto já era um freio para as guerras.

Porque, quando um rei queria desencadear uma guerra injusta, ele já sabia que não poderia contar com a maior parte dos cavaleiros da sua terra, que poderiam não ficar convencidos com os argumentos de que aquela guerra de conquista era justa. E eles não iriam para a guerra, num momento histórico em que não era obrigatório ir para a guerra.



Não havia alistamento militar, então só iria quem quisesse, para receber o soldo (daí vem palavra "soldado").

Então, os cavaleiros eram voluntários que partiam, quando a guerra se mostrava justa. Também por isto é que eles combatiam, às vezes, em outros países, e ninguém via nada de anormal nisso. Por exemplo, os franceses de Borgonha, considerando justa a guerra do rei de Portugal contra os árabes, foram lutar a seu lado. E a formação de Portugal ocorre com a vinda dos primeiros borguinhões para a península Ibérica. O rei da Espanha mandou convidar príncipes franceses para participarem da luta contra os árabes. Eles não puderam ir, mas vários cavaleiros franceses foram. E, como prêmio, um deles recebeu o condado de Portugal. Por isso é que a primeira dinastia de Portugal chamou-se dinastia de Borgonha, porque eram cavaleiros da Borgonha que haviam recebido como prêmio o Condado de Portugal. Às vezes, eles também recebiam alguns presentes, mas obviamente o intuito principal não podia ser esse.

Aqui poderemos observar como era o espírito de combate entre eles. Era considerado alta traição atacar sem avisar antes. Por isso havia a "declaração de guerra", que consistia em escrever, quem soubesse escrever, ou então dizer, por um mensageiro, quem não soubesse escrever: "Nós vamos atacar. Preparem-se" A declaração de guerra era, assim, essencial, mostrando que só era válida a guerra frente a frente. Isto era fundamental dentro do Código da Cavalaria.

Com o propósito de segurar um pouco o ardor guerreiro deles, a Igreja, que tinha grande poder nessa época, principalmente sobre a mente das pessoas, um poder moral, proibiu a guerra na Quaresma, que era considerada um período de oração, de recolhimento, de penitência, e ninguém podia lutar naquela época. Imaginem, em plena Sexta-Feira Santa, as pessoas lutando...! Só mesmo os civilizados e modernos norte-americanos, que bombardearam o convento de Monte Cassino no Sábado Santo, isso já na Segunda Guerra Mundial. Mas, na Idade Média, era proibida a guerra, tanto mais no Sábado Santo, já que era proibida durante toda a Quaresma.



Enfim, seja como for, isto segurava um pouco o espírito belicoso deles, que era por demais indômito. Eram as chamadas "tréguas de Deus". Com o início da Quaresma, todos os combates tinham de ser suspensos. Além disso, era proibido atacar clérigos, mulheres e crianças, isto era chamado "paz de Deus". E, finalmente, a luta deveria ser travada num campo, chamado "campo de batalha". Isto para nós soa como algo absolutamente anacrônico. Campo de batalha, hoje, é qualquer lugar em que a bomba cai. Naquele tempo, campo de batalha era o lugar onde as pessoas iam lutar. Era escolhido um local entre duas cidades, marcavam a hora, e lá iam os cavaleiros e os soldados. Antes um mensageiro avisava que iam iniciar o ataque. Isto para evitar ao máximo, com todos os cuidados possíveis, que pessoas não armadas fossem atacadas. As lutas dentro das cidades são consideradas casos extremos e raros. A batalha era travada em um campo, longe da cidade, de onde vem a expressão "campo de batalha". De modo que batalhas dentro de vilas ou cidades, molestando e atingindo a população civil era raro, por ferir gravemente o Código da Cavalaria. Hoje em dia, quando o "campo de batalha" pode ser qualquer lugar, tal expressão perdeu sentido, mas na "época tenebrosa" da Idade Média fazia todo sentido.

Normalmente, as lutas eram dentro do campo. Com todos esses freios, era difícil iniciar uma guerra, e talvez esse fosse o espírito da época. Porém, quando se tratava de um ataque, todos partiam para a guerra. E foi um pouco com essa ideia de defesa, que eles partiram para as cruzadas. Porque, como verão em seguida, os templários surgem em função das Cruzadas.



*Ilustração de batalha campal*



## **II PARTE: AS CRUZADAS, OS CAVALEIROS DA ORDEM DO TEMPLO DE JERUSALÉM OU TEMPLÁRIOS**

### **I. O MOTIVO DAS CRUZADAS**

Para certos historiadores, imbuídos do preconceito contra tudo o que vem da Era Medieval, as Cruzadas são apresentadas como guerras de conquista da Europa contra os árabes. Mas, na verdade, as Cruzadas surgiram porque os próprios árabes foram conquistados pelos turcos, os quais continuaram avançando rumo à Europa. Daí surgiu o confronto. Conseguiram ultrapassar Gibraltar e entraram na Espanha, onde ficaram setecentos anos. Dominaram o norte da África. Cercaram Constantinopla e se assenhorearam dos Balcãs, tomaram o sul da Itália e ameaçaram Viena.

E começaram, inclusive, a proibir o acesso aos Lugares Santos, objeto de peregrinação cristã, na Palestina. Então a Europa praticamente ficou cercada pelos turcos. E foi isso que motivou as Cruzadas. Eram consideradas como uma guerra defensiva, portanto justa; conseqüentemente, os cavaleiros partiam com a consciência de irem libertar os lugares santos, além de levantar o cerco sobre Constantinopla e salvarem a Europa. Nestes casos, é preciso esclarecer bem, pois não são filmes de Hollywood, nem romances que estão dando uma ideia distorcida da Cavalaria, mas os próprios historiadores que dizem que os cavaleiros iam para o Oriente em busca de riquezas, fortuna, glória. Glória acreditamos que sim, mesmo porque estava dentro da mentalidade deles. Mas... riqueza e fortuna, como e onde? Não estavam eles deixando a França e a Inglaterra, onde tinham castelos, terras, mulheres e filhos, e criadagem à sua disposição, para navegar naqueles barcos a vela, que mais pareciam cascas de noz, e atravessar o que eles chamavam de “Mar Tenebroso”? E nem sequer sabiam o que vinha depois da África! Aventurando-se completamente naqueles barcos para chegar a um deserto inóspito, com um calor a que não estavam acostumados, indo de encontro a



um povo de língua estranha — para conquistar o quê? Um túmulo vazio... O que eles iriam ganhar do ponto de vista econômico ao deixar os seus bens na Europa?

Se não entendermos os objetivos da Cavalaria medieval, não conseguiremos entender as Cruzadas; porque, do ponto de vista econômico, era um malogro total.

Mais ainda: Não eram apenas cavaleiros de classes humildes que iam para a Terra Santa, buscando fortuna. Reis e príncipes abandonavam seus tronos e iam também, como foi o caso de Ricardo Coração de Leão, Felipe de França e tantos outros. Assim, não é possível explicar essa guerra apenas sob o aspecto econômico.

Foi no século VII que os adeptos da doutrina muçulmana, ou Islamismo, liderados por Maomé (ou, em árabe, Mohamed)— que intitulava a si próprio “Profeta de Alah” — , iniciaram a Guerra Santa, conquistando a Arábia, a Palestina, o Egito e daí passando à Espanha, onde foram chamados “mouros” ou “morenos”, por seu matiz escuro da pele. Também eram chamados de "Agarenos", por se dizerem descendentes de Agar, escrava de Abrão, com quem este patriarca hebreu tivera um filho, Ismael. Eis aí a origem de outro apelido dos islâmicos, os "Ismaelitas", os descendentes de Ismael.

Ao perigo que representava para a Europa a expansão muçulmana devem-se somar os maus-tratos infligidos pelos turcos seldjúcidas, maometanos fanáticos, aos peregrinos cristãos que visitavam a Terra Santa (Palestina).

Jean- François Michaud nos diz que Urbano II recebera pedido de socorro proveniente de Constantinopla. Decidiu, pois, no Concílio de Clermont convocar os príncipes cristãos para a luta. O povo prorrompeu aos brados de "Deus quer! Deus quer!" E os nobres cavaleiros presentes responderam: "Nós também queremos!"

Começou então a primeira Cruzada, nome tirado do símbolo da Cruz Vermelha, em campo branco. Da primeira Cruzada participaram Godofredo de Bouillon, Duque de Lorena, Raimundo de Saint-Gilles, Conde de Tolosa, Balduíno Conde de Flandres, Boemundo de Tarento e Tancredo de Siracusa. Como legado do Papa, partiu Ademar de



Monteil, Bispo de Puy.

Após vários combates, em que a Cavalaria cristã despertou a admiração dos adversários, os cruzados tomaram em Jerusalém em 16 de junho de 1098. O líder, Godofredo de Bulhões recusou o título de rei, dizendo “que não queria ser coroado com ouro onde Cristo tinha sido coroado com espinhos”. Foi aclamado como Guarda e Protetor do Santo Sepulcro.

Além de Jerusalém, os cruzados conquistaram várias cidades: Edessa, Antioquia, Trípoli, Tiberíades. Elas se tornaram feudos de Jerusalém, originando o Reino Latino-Cristão do Oriente.

René Grousset nos diz que o Reino Latino-Cristão do Oriente foi fator de entrelaçamento das relações comerciais entre o Ocidente e o Oriente.

Povos orientais, sobretudo os armênios, muito se aproximaram dos europeus e, sendo também cristãos, inclusive se uniram a cavaleiros cristãos pelo casamento.

A queda de Edessa, recuperada pelos muçulmanos, levou São Bernardo de Claraval a pregar uma nova Cruzada. O rei da França, Luís VII, partiu com Conrado II, da Alemanha. Mas não foram bem sucedidos. Pouco depois, o famoso guerreiro árabe, o Sultão Saladino recuperou Jerusalém.

Então o Bispo de Antioquia pediu ao rei da Inglaterra, Ricardo Plantageneta, cognominado o "Coração de Leão", por sua lealdade e coragem, que viesse socorrer o Reino Latino-Cristão. Juntamente com o filho de Luís VII, Felipe Augusto da França, e Frederico Barba-Roxa, da Alemanha, Ricardo partiu para a Terra Santa. Após conquistar São João d’Acre, fez com Saladino uma trégua de três anos.

Tais acontecimentos serviram de pano-de-fundo para as novelas de Sir Walter Scott como "O Talismã" e "Ivanhoé, o Vingador do Rei", folhetins publicados e muito lidos no século XIX até os nossos dias.



Foi nessa época que uma nova Ordem, de monges ao mesmo tempo militares, a Ordem dos Cavaleiros do Templo de Jerusalém ou Templários, começou suas gloriosas façanhas na Terra Santa.

## **ORIGENS DA ORDEM DOS TEMPLÁRIOS**

Os Templários surgiram quando os cristãos perceberam que, após conquistar determinados territórios, fortalezas etc., necessitavam de proteção, pois os turcos retomavam esses territórios e fortalezas. Então concluiu-se ser necessária uma permanente guarda nesses postos estratégicos e no próprio caminho que ia do Ocidente ao Oriente. Depois de se conseguir libertar Jerusalém, era preciso ficar custodiando. Pois, em caso contrário, tão logo eles voltassem para a Europa a cidade seria retomada. Daí surgiu a ideia de se criar uma espécie de companhia de cavaleiros que permanecesse continuamente nesses lugares.

A primeira ordem a surgir foi a dos Hospitalários. Como o próprio nome indica, os Hospitalários tinham a finalidade de socorrer os peregrinos, até que eles voltassem para a Europa, propiciando-lhes escolta, medicamentos, sustento, abrigo e defesa em seu retorno.

No entanto, logo em seguida, viu-se a necessidade de uma organização que, além de proteger os peregrinos, garantisse militarmente o que eles chamavam de lugares santos, ou seja, Jerusalém, Belém, Nazaré, e também todos os postos intermediários, uma vez que a própria Constantinopla já estava ameaçada pelos turcos.

Então foi quando surgiu, precisamente no ano de 1.118, a Ordem dos Templários, fundada por um cavaleiro francês, Hugo de Payens. Ele planejou uma agremiação de cavaleiros que se obrigassem por uma regra e que, além disso, vivessem juntos continuamente, o que era uma novidade, pois os cavaleiros não moravam juntos, mas em lugares diferentes, sendo convocados em caso de guerra. Payens sugeria que os





cavaleiros vivessem juntos em mosteiros, como se fossem monges, porque achava que esta era uma maneira de aglutinar forças. Assim é que surgiu a Ordem, chamada dos Templários por causa do templo de Jerusalém, o edifício sagrado tanto para os judeus do Antigo Testamento quanto para os cristãos e, depois, também para os muçulmanos. Para todos esses, Jerusalém era uma cidade santa, e seu templo viria a ser uma espécie de símbolo da união das três religiões. Desse modo, os Templários tinham a finalidade de proteger o templo.

Para não haver desencontros, eles, já na Europa, ficariam reunidos, morando todos em um mesmo lugar. Quando partissem para uma expedição, partiriam todos juntos: este era o ideal de Hugo de Payens, que também adotava como norma a pobreza absoluta, para que nenhum deles tivesse qualquer vislumbre de vanglória em ir para o Oriente. O ideal, dizia Hugo de Payens, seria que cada templário só pudesse montar a cavalo junto com outro templário, ou seja, haveria um só cavalo para dois integrantes da Ordem, para que ninguém tivesse sequer um cavalo próprio. É por isso que, no antigo selo da Ordem Templária, pode-se ver um cavalo montado por dois cavaleiros. Todo cavaleiro tinha pelo menos um cavalo, mas o templário, num ato de renúncia, nem isto possuía; era, portanto, uma Ordem bem mais rigorosa que as demais, na Terra Santa, os Hospitalários, os Cavaleiros de Malta e a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos.

O abade de Claraval, São Bernardo, um homem de grande prestígio na Idade Média, talvez a maior figura de seu tempo, e cuja influência na Igreja, em certo sentido, era até maior que a do papa, foi consultado a respeito da criação da nova Ordem. Aprovou a ideia e tratou de convencer as pessoas da validade do plano desse cavaleiro Hugo de Payens. O próprio abade, segundo a tradição, redigiu a Regra dos Templários. Mas era preciso conquistar, através de seu prestígio, o apoio das pessoas, que deveriam dar algum dinheiro, para que pudessem construir suas primeiras casas etc.

Conta a História que ele teria aproveitado uma oportunidade, quando foi convocado para um concílio, como abade que era de Claraval, em que estavam presentes bispos de



várias partes do mundo conhecido.



SÊLO DE SÃO BERNARDO, ABADE CISTERCIENSE DE CLARAVAL,  
AUTOR DA REGRA E PATRONO DA ORDEM DO TEMPLO

"- Fui procurado por quatro ou cinco cavaleiros, liderados por Hugo de Payens, que querem formar uma associação religiosa e militar ao mesmo tempo", informou o abade. Isto era uma grande novidade na Europa, pois, até aquele momento, havia a cavalaria e havia os monges, mas não uma ordem militar e, a só um tempo, religiosa. Então, o abade tentou explicar o que seria essa cavalaria religiosa, ou essa congregação religiosa e militar, proferindo a que se tornou uma das mais belas peças de oratória, que é conhecida pelo nome de "Elogio da Nova Milícia". Transcrevemos um dos trechos mais notáveis:



## SÃO BERNARDO DE CLARAVAL: “ELOGIO DA NOVA MILÍCIA DOS TEMPLÁRIOS”

Pediste-me uma, duas ou três vezes, se não me engano, Hugo caríssimo, que fizesse uma exortação para ti e teus cavaleiros. E como não me era permitido servir-me da lança contra as agressões dos inimigos, desejava que, pelo menos, empregasse minha língua e meu gênio contra eles, assegurando-me que eu te faria um favor se animasse com minha pena aqueles que não posso animar pelo exercício das armas. Voa por todo o mundo a fama do novo gênero de milícia que se estabeleceu no país em que o Filho de Deus encarnou-se e expulsou pela força de seu braço os ministros da infidelidade.

Este é um gênero de milícia não conhecido nos séculos passados, no qual se dão ao mesmo tempo dois combates com um valor invencível: contra a carne e o sangue e contra os espíritos de malícia espalhados pelos ares. Em verdade, acho que não é maravilhoso nem raro resistir generosamente a um inimigo corporal somente com as forças do corpo. Tampouco é coisa muito extraordinária, se bem que seja louvável, fazer guerra aos vícios ou aos demônios com a virtude do espírito, pois se vê todo o mundo cheio de monges que estão continuamente neste exercício. Mas quem não se pasmará por uma coisa tão admirável e tão pouco usada como é ver a um e outro homem poderosamente armado dessas duas espadas, e nobremente revestido do caráter militar?

Certamente esse soldado é intrépido e está garantido por



todos os lados. Seu espírito se acha armado do elmo da fé, da mesma forma que seu corpo da couraça de ferro. Estando fortalecido por essas duas espécies de armas, não teme nem aos homens nem aos demônios. E digo mais: não teme a morte, posto que deseja morrer. Com efeito, o que pode fazer temer, seja a morte ou a vida, quem encontra sua vida em Jesus Cristo e sua recompensa na morte? É certo que ele combate com confiança e com ardor por Jesus Cristo, entretanto deseja mais morrer e estar com Jesus Cristo, porque este é seu fim supremo.

Eia, pois, valorosos cavaleiros, marchai com segurança, expulsai com uma coragem intrépida os inimigos da Cruz de Nosso Senhor, e estai certos de que nem a morte nem a vida poderão separar-vos da caridade de Deus, que está em Jesus Cristo. Pensai com frequência, durante o perigo, nestas palavras do Apóstolo: "*Vivamos ou morramos, somos de Deus*".

Oh! Com quanta glória voltam do combate esses vencedores! Oh! Com quanta ventura morrem esses mártires na peleja! Regozija-te, campeão valoroso, de viver no Senhor, mas regozija-te ainda mais de morrer e ser unido ao Senhor. Sem dúvida tua vida é frutuosa e tua vitória gloriosa, mas tua morte sagrada deve ser preferida com justa razão a uma e a outra. Pois se os que morrem no Senhor são bem-aventurados, quanto mais não o serão aqueles que morrem pelo Senhor. Em verdade, de qualquer maneira que se morra, seja no leito, seja na guerra, a morte dos santos será sempre preciosa diante de Deus. Mas a que ocorre na guerra é tanto mais preciosa, tanto maior é a glória que a acompanha. Oh! Que segurança, repito, há na vida que espera a morte sem temor nenhum! Oh! Deseja-a com ânsia e receba-a



com devoção! Oh! Quão santa e segura é esta milícia, e quão livre e isenta está desse duplo perigo em que se acham ordinariamente as gentes de guerra, que não têm Jesus Cristo por fim de seus combates!

Porque tantas vezes como entras na peleja — tu, que não combates senão por um motivo temporal — deves ter temor de matar a teu inimigo quanto ao corpo, e a ti mesmo quanto à alma, ou talvez de ser morto por ele quanto ao corpo e quanto à alma juntamente. Pois o perigo ou a vitória do cristão se deve considerar, não pelo sucesso do combate, mas pelo afeto do coração. Se a causa daquele que peleja é justa, seu êxito não pode ser mau, assim como o fim não pode ser bom se é defeituoso o motivo e torta sua intenção. Se, com a vontade de matar a teu inimigo, tu ficas estendido, morres fazendo-te homicida. E se ficas vencedor, e fazes perecer a teu contendor com o desígnio de triunfar dele e de vingar-te, vives homicida. Pois quer morras, quer vivas, quer sejas vitorioso ou vencido, de nenhum modo te é vantajoso ser homicida. Desgraçada vitória a que te faz sucumbir ao vício, ao mesmo tempo que triunfar de um homem. Em vão te glorias de ter triunfado de teu inimigo, quando a cólera e a soberba te reduzem à escravidão.

Os soldados de Cristo poderão, com absoluta segurança de consciência, pelejar as batalhas do Senhor, sem receio de cometer pecado com a morte do inimigo, nem desconfiança de sua salvação se sucumbirem. Porque dar ou receber a morte por Cristo não só não implica ofensa a Deus, nem espécie alguma de culpa, mas pelo contrário merece muita glória, pois que no primeiro caso o homem luta por seu Senhor e no segundo o



Senhor se dá ao homem como prêmio; já que Cristo olha com agrado a vingança que se faz d'Ele contra seu inimigo, e, com agrado ainda maior, se oferece Ele próprio como consolo ao que cai na luta.

Assim, pois, afirmamos mais uma vez que o cavaleiro de Cristo lutará com tranquilidade de consciência, e morrerá com confiança e segurança ainda maior. Se sucumbir, conseguirá para si uma grande vantagem; e, se sai vencedor, triunfa para Cristo. Não é sem motivo que traz a espada ao lado. Pois é ele ministro de Deus para castigar severamente os que se professam Seus inimigos; de Sua Divina Majestade recebeu o gládio para castigo dos que operam o mal e exaltação dos que praticam o bem.

Quando tira a vida a um malfeitor, não deve ser chamado homicida, porem "malicida", se é que assim me posso expressar; pois ele executa literalmente as vinganças de Cristo contra os que praticam a iniquidade, e adquire com razão o título de defensor dos cristãos. E se é morto, não dizemos que se perdeu, mas que se salvou. A morte que ele dá é para a glória de Cristo; e a que recebe é para sua própria glória.

Na morte de um gentio, pode um cristão se glorificar, porque é Cristo que sai glorificado; e se morrer o cristão valorosamente por Jesus Cristo, patenteia-se a liberalidade do grande Rei, pois que tira da terra seu cavaleiro para lhe dar a recompensa nos céus.

Assim, pois, alegrar-se-á o justo quando sucumbir o gentio, pois vê aparecer a vingança divina. Mas se cai o guerreiro do Senhor, dirá: *"Porventura não haverá recompensa para o justo? É fora de dúvida que sim, pois há um Deus que julga os homens*



*sobre a terra*". (Sl. 62, 11).

Claro está que não se matariam os gentios, se pudessem ser contidos por qualquer outra forma, de maneira que não atacassem, nem estorvassem, nem oprimissem os fieis. Porém no momento presente melhor é que se acabe com eles do que permitir que fique em suas mãos a vara com que tentam escravizar os justos, para evitar que estes passem com armas e bagagens para o partido da iniquidade.

Saia pois de sua bainha a dupla espada espiritual e material dos cristãos, e seja descarregada com força sobre a cerviz dos inimigos para destruir assim tudo quanto se ergue contra a ciência de Deus, isto é, a fé dos seguidores de Cristo, para que não digam jamais esses infieis: "*Onde está o seu Deus?*" (Elogio da Nova Milícia dos Cavaleiros do Templo)

Por causa do prestígio de São Bernardo, a Ordem foi aprovada, e imediatamente a Regra passou a ser publicada em toda a Europa, da maneira pela qual se faziam as publicações naquela época (quando não havia imprensa), nas ruas e nas praças, nos mercados e nas feiras, nas salas de reunião dos palácios, nas igrejas, nos conventos, por meio de sermões, cartas e até trovas provençais. Com isto surge no Ocidente algo inédito: a conjugação, numa mesma pessoa, dos valores da religião com os valores da guerra. Isto representava, em certo sentido, um caminho novo que se abria no Ocidente.

Os templários tinham de fazer, de acordo com a regra, o voto de pobreza, isto é, não poderiam ter absolutamente nenhuma propriedade, todas as propriedades pertenceriam à ordem. Apenas os que resolvessem casar-se, mediante uma licença especial, poderiam ter propriedades. Deviam, ainda, obediência absoluta ao superior, que era chamado



Grão-mestre da Ordem Templária, e voto de castidade.

Havia vários graus hierárquicos dentro da Ordem Templária: os cavaleiros, que eram os que realmente iam à batalha; os capelães, que entravam na Ordem apenas para ministrar os sacramentos; os sargentos, ajudavam na arregimentação militar; e os serventes, uma espécie de peões.

Aos poucos a Ordem Templária começou a ser beneficiada por indivíduos ricos que, não tendo herdeiros, e entusiasmados por aquele ideal, deixavam-lhe seus bens e propriedades. Isto não deixa de ser uma maneira de apoiar o ideal: já que não podiam ser cavaleiros templários, deixavam grandes quantias para a Ordem. Daí surgiu a necessidade de um tesoureiro, que passou a ser chamado de Comendador.

O crescimento da agremiação foi vertiginoso e, em pouco tempo, abrangia praticamente toda a Europa: na França, Inglaterra, Itália, Espanha, Portugal, Alemanha, Polônia e até na Rússia ocidental havia casas dos cavaleiros templários, com cem, duzentos ou trezentos membros, com propriedades em volta, provenientes de doações, chegando a possuir, na França, 9.000 Commanderies, que eram fazendas defendidas por fortificações.

Eles tinham também um voto especial de somente evitar batalha quando houvesse mais de três combatentes do outro lado; considerava-se uma infidelidade ao voto o fugirem quando houvesse até dois ou três adversários, o que exigia heroísmo e sacrifício, e muitos morreram por causa disso.

A sua vestimenta era uma cota de malha, para a guerra, como todos os outros cavaleiros, mas com uma espécie de camisolão branco, em que se vislumbrava uma cruz marchetada em vermelho. Esta é a cruz templária, que é achatada na ponta, usada para distinguir o cavaleiro templário dos demais. Dentro dos mosteiros, usavam dois tipos de vestimenta: no verão uma espécie de linho áspero, e, no inverno, lã — apenas uma túnica, não poderiam colocar mais uma túnica caso estivessem sentindo frio. Era





um tipo de vida realmente franciscano.

Aliás, São Francisco foi um grande admirador dos templários, e muito do espírito franciscano, pobreza, renúncia, etc., teve inspiração no espírito templário.

Usavam cabelos curtos, numa época em que a moda eram os cabelos compridos, pois consideravam que o tempo que levariam cuidando dos cabelos poderia ser aplicado em coisas mais úteis. Só tinham duas refeições por dia, com ausência de carne durante toda a quaresma. A alimentação era frugal, mas permitia-se, fora da quaresma, o vinho.

Além disso, tinham de rezar todos os dias o Ofício Canônico, rezar todos os hinos monásticos, e os salmos das Horas do Dia: Prima, às 6 horas; Tércia, às 9 horas; Sexta, ao meio-dia; Nona, às 3 da tarde; Vésperas às 6 da tarde; Completas, às 9 da noite. À meia-noite com Matinas começava o Ofício do dia seguinte. Desde a manhã até a noite, com intervalos de três horas. E às vezes iam para batalha cantando esses hinos.

## **PARTICIPAÇÃO DOS TEMPLÁRIOS NAS CRUZADAS**

A partir da entrada dos templários na guerra das Cruzadas, panorama se modificou inteiramente. Porque temos aí uma tropa de elite, que veio para ficar, e não com a expectativa de voltar correndo para casa, como ocorria com todo cruzado. Os templários iam para ficar até quando fosse necessário. Edificaram vários postos fortificados, para garantir o trânsito livre entre Jafa e Cesaréia, importantes conquistas cristãs no Oriente. Foram construídas por eles também fortalezas como a de São João do Acre. Quer dizer que havia arquitetos que ingressavam anonimamente na Ordem dos Templários; não se sabia quem havia construído, quem havia desenhado, quem havia idealizado. O anonimato era a regra, não poderiam haver figuras de destaque. Cada castelo havia sido construído para atender a uma necessidade, não se precisava saber quem fora o autor da obra. Ademais, eles participaram ativamente em várias batalhas, fazendo com que todo o esforço guerreiro recaísse sobre seus ombros. Na batalha de Ascalon, para mencionar



só uma, de quarenta templários que se envolveram na brecha principal das muralhas, nenhum sobreviveu, mas a cidade caiu finalmente em poder dos cruzados, graças a seu sacrifício heróico. No cerco de São João do Acre, eles sustentaram durante dois anos a luta contra os turcos. E é claro que, com isso, toda a estrutura de guerra mudou para melhor. Tanto que, depois da grande derrota dos Templários no desastre de Hattin, começou a queda do poderio europeu na Palestina.

Podemos concluir que, quando foi suprimida a Ordem dos Templários, o movimento das cruzadas sofreu um golpe mortal. E o Oriente Médio nunca mais voltou para o orbe cristão.

Há alguns episódios de heroísmo dos templários, dignos de serem relatados. Um templário é preso pelos turcos, que o amarram a uma cruz e o colocam sobre a muralha da cidade, para evitar o ataque dos outros cavaleiros templários. Mas, ao chegarem estes, o próprio prisioneiro insistiu em que deviam atacar a cidade mesmo ao preço de sua vida. E, realmente, os turcos ficaram muito espantados quando viram que os cavaleiros se organizaram e marcharam em direção à cidade, imediatamente matando o cavaleiro com uma lança (com isso se completou o simbolismo da cruz e da lança).

Apesar de tudo, é preciso mostrar também o outro lado da medalha. Essa instituição, que foi criada na Europa cristã do século XI, e que realizou todas essas maravilhas, foi também asperamente atacada pelos próprios cristãos, já no Oriente, por pura inveja de seus feitos militares e prestígio até mesmo entre os maometanos. O cronista Guilherme de Tiro, por exemplo, extravasa seu ódio cada vez que narra a participação dos Templários, atribuindo seus formidáveis atos de heroísmo, como o de Ascalon, ora à vanglória, ora à ambição...

Também nem sempre foram gratos os medíocres príncipes dos feudos cristãos orientais, com receio de que os cavaleiros do Templo lhes disputasse o poder, coisa que nunca se deu na realidade.



Daí que muitos cavaleiros templários se realizassem mais combatendo os mouros na Espanha e Portugal que estavam empenhados em expulsar os agarenos da Península Ibérica e os acolhiam com todo entusiasmo, do que no Oriente. Construíram lá um grande número de fortalezas e castelos, a serviço da Reconquista.

Aliás, foi lá que se refugiaram em grande parte, quando se abateu sobre eles a grande perseguição movida pelo rei da França, que era a nação mais católica da terra, com a aprovação do papa, o chefe visível da Cristandade.

O que iria levar a maior autoridade espiritual e a maior autoridade política da Europa católica a suprimir esta Ordem, a mais extraordinária e benéfica que a Europa tinha conhecido até então, e que só servia à sua defesa?

Para esclarecer isso, é preciso que passemos a estudar agora o tenebroso caso do processo dos templários.

## **O PROCESSO CONTRA OS TEMPLÁRIOS**

O poder da Ordem Templária era incontestável. Tinha terras, mosteiros, tinha grande poder econômico, porque não utilizavam indevidamente o patrimônio: nenhum templário comprava uma túnica melhor por causa de riqueza, e continuavam vivendo frugalmente nos mosteiros. Mas a Ordem em si era rica, riquíssima, e isto começou a despertar a cobiça.

O primeiro que teve a ideia de lançar mão sobre os bens dos templários foi o rei da França — Felipe, o Belo, através da habilidade de seu ministro Nogaret.

Quem era Nogaret?

Guilherme de Nogaret foi o principal funcionário na corte do rei Filipe IV. Nasceu em São Felix-en-Lauragais, de família albigense, isto é maniqueísta, sendo protegido do



advogado Pierre Flotte. Estudou direito, obtendo um doutoramento e o estatuto de professor, e foi em 1294 nomeado juiz real da corte do senescal de Beaucaire. Imbuído, por seus estudos de Direito romano, da doutrina da supremacia absoluta do Rei, não tinha escrúpulos quando se tratava do poder real. Era um “legista”, um “romanista” como se dizia então.

Tratava-se de ressuscitar, em benefício do monarca francês, os princípios da Roma imperial dos Césares absolutos, sem nenhum limite de poder. Era pôr em prática as teorias guibelinas de Dante Alighieri no “De Monarchia” e de Marsílio de Pádua no “Defensor pacis”. Era já o início do absolutismo moderno.

A Cristandade não existia mais em sua quintessência. Começara a derrocada da civilização ocidental até os tempos em que vivemos.

A influência de Nogaret ficou clara na luta entre Filipe e o papa Bonifácio VIII. Em 1300 foi enviado como embaixador à Santa Sé para desculpar-se de sua aliança com Alberto da Áustria, que usurpara o império. Nogaret, segundo narrou, censurou o papa que replicou em linguagem vigorosa.

Depois da morte de Pierre Flotte na batalha de Courtrai (1302), Nogaret se tornou o principal conselheiro e o gênio mau do rei. Após a publicação da bula “Unam Sanctam”, do papa Bonifácio, definindo claramente a doutrina dos dois poderes o do papa e o dos reis, Nogaret foi encarregado de dirigir o conflito com a Santa Sé, em fevereiro de 1303. Na Assembléia do Louvre (12 de março de 1303), atacou violentamente o papa, e mais tarde, aliando-se a seus inimigos italianos, o banqueiro florentino Musciatto de Franzese e Sciarra Colonna, chefe do partido guibellino, foi surpreender Bonifácio VIII em seu palácio em Anagni e o prendeu, depois de tê-lo submetido a tratamento ultrajante. Em 8 de setembro, diante da recusa do Pontífice, Nogaret o esbofeteou....!!! Isto deixou o velho tão deprimido que morreu logo depois em 11 de outubro.

Esta agressão desumana contra um ancião venerável, nos arredores de Roma, foi



um enorme sacrilégio. Foi um atentado não só contra a pessoa do papa, mas contra a Santa Igreja.

O acontecimento marca a ruptura com o século XIII , que havia sido cristão por excelência. Sob Inocência III e, na França, durante o reinado de São Luís IX, o governo real se submetia à doutrina católica.

Em 1304, no Languedoc, Nogaret explicou-se ao rei e foi recompensado com muitas propriedades. Filipe o enviou em embaixada ao novo papa Benedito IX que recusou-lhe porém absolvição. Clemente V, porém, o absolveu em 1311.

Nogaret teve parte decisiva no julgamento dos Templários. Em 22 de setembro de 1307, em Maubuisson, Filipe fez dele o Guarda do Selo e no mesmo dia o Conselho Real promulgou o decreto que mandava prender os templários, o que foi executado em 12 de outubro.

Relatamos isso para que se saiba que tipo de homem estava por trás do processo contra os Templários: um sacrílego cruel e cínico.

Já o rei a que dedicou seus esforços era bem digno dele. Felipe IV, chamado o Belo, devido às belas feições que herdou de seu majestoso avô, São Luís IX, nada tinha de parecido moralmente com seu célebre e santo avô, Luís IX. Mulherengo, jogador de dados e gastador, arruinava suas finanças. Começou então a saquear os cofres do reino.

Percebeu, então o rei que poderia consertar as finanças do país quando conseguisse se apoderar dos bens da rica Ordem dos Templários. Assim, procurou novamente Nogaret, e lhe disse que precisava se apossar das riquezas dos templários, porque o reino estava em ruínas. E Nogaret respondeu: "-Podemos agir somente se o papa estiver de nosso lado, pois, do contrário, ele nos excomunga."

Em 1305, substituiu o falecido Bonifácio VIII o francês Bertrand de Got, com o nome de Clemente V, que, segundo consta, fora eleito depois de muitos escrutínios...



Por isso era um contemporizador, hoje diríamos "um político", um indivíduo que gosta de "por panos quentes", sem tomar nenhuma atitude precipitada, mas também nenhuma atitude firme. E, historicamente, sabe-se que foi eleito graças ao apoio dos cardeais franceses. Felipe fez pressão sobre os cardeais, e estes, por sua vez, começaram a fazer pressão sobre o papa, o qual, sendo um moderado, começou a achar que talvez fosse interessante convocar o chefe dos Templários para uma conversa.

Ele pretendia que os Templários e os Hospitalários se fundissem numa só ordem. A verdade é que os Hospitalários não compareceram a esta convocação do papa, e o único que a atendeu foi o grão-mestre dos templários, Jacques de Molay, em 1306, o qual descartou qualquer tentativa de desagregação ou justaposição da Ordem dos Templários com qualquer outra Ordem.

De Molay, deixando claro que não aceitaria nenhuma transferência da Ordem dos Templários para a dos Hospitalários, despediu-se do papa, pois estava lutando na Síria e tinha de continuar seu trabalho.

Felipe, o Belo, recebendo do papa a notícia de que era difícil dissolver a Ordem dos Templários, pois não havia nenhuma acusação que justificasse essa dissolução, teve a ideia de acusá-los de feitiçaria e heresia!

Hereges eram chamados os indivíduos que não professavam integralmente a fé católica. Feiticeiros os que procuravam contato com forças diabólicas.

Os Templários seriam heréticos, pois "não adoravam a cruz de Cristo" e mesmo a detestavam! Inclusive, segundo essa acusação, eles "obligavam todo iniciado a repudiar o Cristo, pisando no crucifixo, antes de se tornar templário".

Segunda acusação: "Eles adoravam um ídolo, chamado "Baphomet", espécie de cabeça de bode, com algo de parecido com um diabo, em cerimônias ocultas".

Terceira: "eles praticavam o vício da sodomia" e "uma prova da sodomia estava no



próprio selo da Ordem" (sic)...



*Selo da Ordem que na verdade representa a humildade e a pobreza em não possuir um cavalo próprio, envolta em calúnias ridículas sobre sodomia.*

Nogaret mandou, então, que se compilhassem essas acusações, que foram assinadas por onze pessoas e aprovadas por Felipe, o qual, antes que o papa se pronunciasse, em nome da fé ameaçada, mandou prender todos os templários que estivessem na França naquele momento, escrevendo na proclamação as justificativas do crime. Ele dirigiu o processo e tomou as medidas que levariam à execução de Jacques de Molay e dos principais templários. Com energia incansável, foi o autor dos documentos pelos quais arruinou seus adversários, e tentou justificar a condenação ao anunciar os planos de uma nova cruzada, cujas despesas seriam incorridas com os bens confiscados à Ordem. Trata-se de um documento em latim endereçado a Clemente V em que o autor atribui o fracasso das Cruzadas aos Templários (sic!) e declara que Filipe apenas podia dirigi-las de modo adequado, desde que tivesse o apoio dos príncipes cristãos para obter os fundos requeridos: todas as propriedades dos Templários seriam dadas à Coroa, assim como seriam taxados todos os legados e todos os benefícios na cristandade. As outras ordens militares, abadias, igrejas, deveriam reter apenas propriedade indispensável a sua

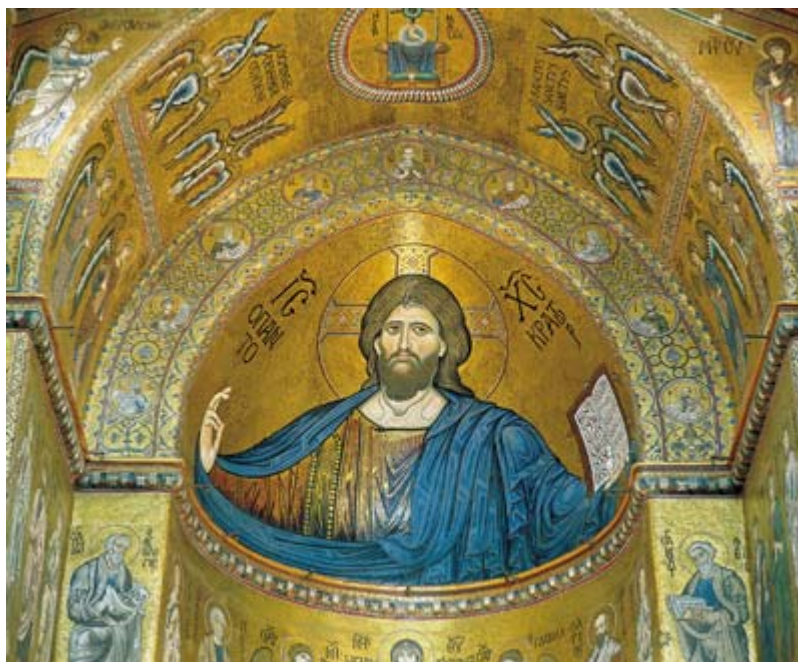


subsistência, e o resto dado à Cruzada. Ninguém levou o documento a sério. O objetivo era arrancar dinheiro para os cofres desfalcados do rei Felipe.

Os templários estavam em seus mosteiros quando, de repente, as tropas do rei os cercaram - e, obrigando-os a sair, levaram todos para a prisão. Foram submetidos à tortura, às torturas mais horríveis que se possam imaginar, conseguindo-se que alguns "confessassem espontaneamente" que "adoravam o ídolo do Baphomet", tudo enfim.

Diante dos resultados "satisfatórios" da investigação, Felipe mandou uma carta ao papa, que ficou com muito receio...

Algumas tímidas vozes ecoavam aqui e ali: "O tal Baphomet não será uma deformação - para incriminar os Templários - do culto à Face de Cristo que os cruzados trouxeram de Bizâncio?"







Mas eram vozes fracas diante dos altos brados dos bispos sequazes de Felipe, o Belo: "-Hereges, feiticeiros, apóstatas!"

Alguns templários que conseguiram escapar mandaram um comunicado para o grão-mestre, que estava na Síria, narrando todo o ocorrido. O grão-mestre voltou "apressadamente" (naquela época, isto significava três ou quatro meses de viagem de navio), para poder ter uma audiência com o papa. Depois de várias negativas, o papa finalmente concordou em recebê-lo.

Jacques de Molay se mostrou estupefato diante do que tinham tramado contra os templários; nem quis se referir ao fato de ter sido uma ordem fundada por São Bernardo, aprovada pela Igreja desde o ano de 1118 — passaram-se mais de duzentos anos para a Igreja perceber que essa ordem não era cristã? Um absurdo! Era uma acusação falsa, para destruir a Ordem dos Templários.

Mas o papa esquivou-se, dizendo:

"— O que o senhor quer que eu faça? É o rei da França quem está fazendo essas acusações, e vários bispos já as assinaram". Ao que ele replicou:

"— Eu quero que o senhor mande fazer uma investigação agora; mande um delegado à França ou a qualquer país em que tenhamos casas, para ver se estamos fazendo tudo isso de que somos acusados."

O papa deu uma resposta evasiva, não prometendo se iria fazer essa investigação ou não. Finalmente, no dia 26 de novembro de 1309, Jacques de Molay, que estava agora na França, também foi preso. Nesse meio tempo, nesses dois anos, Felipe já havia começado a executar, antes da própria condenação de Roma, os templários que haviam confessado. E a pena, em caso de heresia e feitiçaria, era a morte na fogueira — eles seriam queimados vivos.



Jacques de Molay também compareceu aos tribunais do rei Felipe, sendo submetido a um interrogatório malicioso, querendo jogá-lo em contradição consigo mesmo. Chegaram até a dizer que a cruz dos templários não era a cruz de Cristo...

Por outro lado, afirmava-se que ele adorava um ídolo chamado Baphomet, que diziam ser uma mistura de Maomé com o Diabo: Jacques de Molay disse: "Nada tenho a responder. Isto é um tão grande absurdo, que fica claro que eles precisavam um pouco mais de imaginação, para poderem me acusar."

Mas foi com essas coisas que se foram avolumando os autos do processo. E terminou com a condenação à morte por heresia e feitiçaria.

Conta-se que, quando Jacques de Molay estava na fogueira, teria gritado: "Felipe e Clemente, eu os espero dentro de um ano, no tribunal de Deus!" Esse digno cavaleiro morreu no dia 18 de Março de 1314.

Não há um autor, inclusive entre os católicos mais submissos, que sempre defendem a Igreja em todas as situações, não há um deles que considere legítimo o processo contra os Templários.

Foi uma iniquidade total, do princípio ao fim, e tudo foi forjado realmente por Felipe, o Belo, por interesses econômicos.

E a fraqueza do papa foi a de ter capitulado: sabendo, muito embora, da inocência dos Templários, o papa cedeu ao rei da França e dissolveu oficialmente a Ordem dos Templários, proibindo que qualquer pessoa realizasse cerimônias templárias, daí por diante.

Este foi o fim, o malogro de uma Ordem, que não seria exagero considerar o apogeu da Cavalaria medieval.

Após a morte de Jacques de Molay, morreram mais de 2.500 templários, a maior parte em fogueiras, em quase todos os países da Europa. Seguindo o exemplo do rei da



França, também o rei da Inglaterra fez o que pôde para tomar os bens dos templários.

Também vale lembrar que uma potência financeira católica, que só cobrava o juro permitido pela Igreja Católica, de um por cento ao mês, acabava de desmoronar, dando lugar aos bancos lombardos que cobravam juros extorsivos, acumulavam grande capital e acabaram sendo os grandes emprestadores. Na época do Renascimento, com a sede de luxo, os gastos das cortes de todos os reis da Europa aumentaram consideravelmente e todos eles são presa fácil dos usurários e reféns dos banqueiros. Nasce o Capitalismo moderno, em que o capital vale mais do que a propriedade da terra, do que os títulos de nobreza, do que as regras morais. E depois, no século XVI, com Jean Calvin, surgirá uma “ética protestante” que justifica tudo isso, na célebre demonstração do sociólogo Max Weber.

## **OS TEMPLÁRIOS EM PORTUGAL E NO BRASIL**

Os templários existiam em Portugal desde os tempos de D. Afonso Henriques, fundador da nacionalidade, e ali nenhuma acusação foi levantada contra eles. Nem por isso estavam isentos de fechamento, por ordem papal.

Não querendo pactuar com uma iniquidade e ao mesmo tempo não desejando se indispor com Roma, o rei D. Dinis de Portugal transferiu os bens da Ordem do Templo para a recém criada Ordem da Cavalaria de Nosso Senhor Jesus Cristo, ou Ordem de Cristo, em 1318.

Na verdade, O rei Dom Dinis, depois de acolhê-los, sabendo que estavam acostumados ao regime monástico há muito tempo, resolveu criar uma Ordem especialmente para eles. Mas, para que o papa não suspeitasse que eram templários nem fossem perseguidos por algum sicário do rei de França, ele deu outro nome: Ordem de Cristo.



Então, os templários perceberam que seu nome estava conspurcado, mas que podiam continuar com seu ideal, fazendo alguma coisa.

Isto é que significa total aniquilamento do próprio ego: eles continuavam lutando pela Cristandade, apesar do papa!, e pela monarquia, apesar do próprio rei! Isto é levar o espírito de renúncia ao grau de heroísmo.

Qualquer um já se teria bandeado para o lado dos turcos a essa altura ... Diziam que os templários eram hereges, idólatras etc., mas não houve caso de templário que tivesse pedido refúgio aos turcos, para, como vingança, delatar os cristãos, ou relatar planos de guerra.

Os sobreviventes levaram algo das riquezas da ordem para Portugal. Segundo muitos historiadores que pudemos consultar, os empreendimentos das descobertas do rei de Portugal, no começo da era das navegações, toda aquela iniciativa que custava muito caro, foi financiada com o ouro dos templários. E o rei de Portugal, tendo fundado a Ordem de Cristo, permitiu que seu emblema continuasse sendo o mesmo dos templários e, por um mistério, isto passou despercebido.

Dom Manoel, o Venturoso, que reinou durante a era das descobertas, mandou colocar nas caravelas, talvez por um desígnio providencial e divino, a cruz da Ordem de Cristo, para que não restasse dúvida de aquilo era obra dos Cavaleiros Templários.

Fica, então, quase fora de dúvida que teriam sido os templários a descobrir o Brasil. Não uma expedição do rei de Portugal, mas uma expedição, sob a capa do rei de Portugal, dos templários — agora com o nome de Ordem de Cristo.



Mas havia uma nódoa, um preconceito persistente. Será que eles não eram mesmo culpados?

Passaram-se setecentos anos...

## **A REABILITAÇÃO DOS TEMPLÁRIOS**

Certo dia do ano de 2007, as agências de informações de todo o mundo noticiam um fato-bomba: o Vaticano reabilitou os Templários!!!

É o que informa, por exemplo, "O Globo-Online" do dia 25 de Outubro de 2007:



### **Vaticano lança obra inédita sobre processo contra os Templários**

Os documentos, até agora considerados secretos de um dos grandes julgamentos da História, que condenou ao fim os Cavaleiros dos Templários, serão vendidos em forma de livro com edição bilíngüe – italiano e inglês.

O preço equivalente a mais de R\$ 15 mil, no entanto, não é nada acessível para a maioria dos interessados no assunto e até mesmo para as bibliotecas especializadas.

O livro integra a série Exemplaria Praetios, a publicação mais valiosa do Arquivo Secreto do Vaticano, e conta com todo o luxo de detalhes nas reproduções: uso de pergaminho, selos dourados e documentos de grande importância histórica. Um dos destaques é a reprodução dos originais em pergaminho do ato de Chinon, de 1308, do antigo processo de condenação dos Cavaleiros dos Templários. Ele mostra que o papa Clemente Quinto reabilitou inicialmente os Templários acusados de heresia e blasfêmia. No entanto, considerou que eles praticavam imoralidades.

Segundo o historiador medievalista Franco Cardini, o papa planejava reformar o grupo religioso e militar medieval, mas nunca o condenou. De acordo com o estudioso, o pergaminho “testemunha que o pontífice não considerava a ordem herege”.

Cardini, que também está lançando um livro sobre o assunto, *La Tradizione Templare* (“A Tradição Templária”, em tradução livre), diz que as condenações por heresia na época se fundamentavam nas confissões de alguns templários, que depois acabaram se retratando.



“Por esse motivo, eles foram considerados reincidentes no erro pelo qual tinham sido processados e condenados”, assinalou o historiador, que também participou do lançamento oficial da edição do Vaticano.

A Ordem dos Cavaleiros Templários foi fundada em Jerusalém, em 1118, por nove cavaleiros franceses, para defender os peregrinos cristãos na Terra Santa durante as Cruzadas.

Posteriormente, eles receberam várias doações de terras na Europa, ganharam enorme poder político, militar e econômico, o que acabou permitindo estabelecer uma rede de grande influência no continente.

Depois do processo condenatório, muitos cavaleiros foram perseguidos, presos, torturados e queimados.

A ordem foi extinta em 1312 devido a pressões do rei da França Filipe o Belo, que impôs a eliminação dos Templários.

Chantageado pela monarquia francesa, o papa Clemente Quinto acabou com a ordem sem condenação, nem absolvição, mas isolando-a em uma espécie de hibernação graças a um artifício do direito canônico.

Ao declarar que o processo não tinha comprovado a acusação de heresia, Clemente Quinto suspendeu a Ordem dos Templários mediante uma sentença não definitiva, ditada pela necessidade de evitar um grande perigo para a Igreja.

Os Cavaleiros foram proibidos, sob pena de serem excomungados, de continuar usando o nome e os signos distintivos.



Segundo o Monsenhor Sergio Pagano, prefeito do Arquivo Secreto Vaticano, todos os mistérios que cercam a Ordem dos Templários e sua dissolução após o julgamento da inquisição estão no livro.

Ele diz que a obra conta com rigorosos conteúdos históricos e científicos sobre o processo, que, em Outubro completou 700 anos.

Vejamos agora a BBCBRASIL de 12 de Outubro de 2007-11-29

O Vaticano vai divulgar documentos secretos para provar que a ordem medieval Cavaleiros Templários foi absolvida das acusações de heresia pelo papa Clemente 5º.

A reprodução das anotações que levam o título de "Processo contra os Templários - Inquérito Papal sobre o Julgamento dos Templários" fará parte de um livro que será lançado no fim deste mês pelos Arquivos Secretos do Vaticano em associação com a fundação italiana Scrinium.

Serão publicadas 799 cópias. Cada livro custará o equivalente a mais de R\$ 15 mil.

A ordem dos Cavaleiros Templários foi fundada em 1118, em Jerusalém, para defender peregrinos cristãos na Terra Santa e se transformou em uma instituição de enorme poder político, militar e econômico.

No século 14, eles foram acusados de heresia e muitos





acabaram perseguidos, presos, torturados e queimados, mas a ordem em si não foi declarada culpada.

Justiça se fez à digníssima Ordem do Templo. É verdade que com setecentos anos de atraso.

Quanto se debateu e escreveu nesse longo tempo sobre os templários!

Poucos os defendiam. A maioria estava pronta a acreditar em tudo... em tudo o que não se provou no malfadado processo! Por inveja da superioridade espiritual deles, talvez pela maldita tendência de se acreditar com facilidade no mal e com dificuldade no bem sobre as outras pessoas.

Outros tentaram lhes atribuir toda sorte de conspirações contra a Igreja e a Monarquia francesa, como vingança. Teriam estado por trás da Reforma Protestante e da Revolução Francesa... *“Esta claro que foram os Templários que conspiraram na Alemanha contra o papa e depois na França contra o rei. Era a vingança de Jacques de Molay!”*, se escuta por aí.

Com isso se manchava ainda mais a honra dos fidelíssimos templários, ao invés de os dignificar, pois seriam também passíveis de baixos sentimentos de vingança e de desforra... Enfim, homens sem nada de diferente ou de especial, capazes de ressentimento e de ódio que atravessava os séculos.

Até a prisão de Luís XVI e Maria Antonieta com os filhos no castelo antigo do Templo, durante a Revolução foi vista como mais uma "prova" da vingança deles, de sua culpa, desde o início!!

E no entanto - agora ficou patente - tudo tinha sido falso!

Eles não eram hereges, nem falsos cristãos ! nem tramaram, nem conspiraram !



Tinham razão os seus tímidos defensores: o tal "Baphomet" nada mais era do que a Santa Face de Cristo do Santo Sudário. Os cruzados, ao permanecerem em contato com os cristãos bizantinos, adquiriram o hábito de venerar a Sagrada Face de Cristo, tal como ela parece no Sudário que até hoje se conserva em Turim, no norte da Itália, quando este é dobrado. Pode-se notar facilmente que foi este o modelo de quase todos os ícones bizantinos e depois russos representando Jesus Cristo.

Em resumo, por setecentos anos pairaram dúvidas sobre a honestidade, a lealdade, a verdadeira crença dos Templários, cujo lema era, lembremos aqui de novo: "Non nobis, Domine, non nobis, sed Nomini Tuo da gloriam." (Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Vosso Nome dai glória.)

## **UMA REFLEXÃO FINAL**

A reabilitação retirou agora a pesadíssima hipoteca moral que sobre a Ordem do Templo pesava. Não há mais ressalvas, nem distinções. Existiram cavaleiros heróicos e nada mais ofusca o fulgor de sua gloriosa epopéia.

Mais uma vez se comprova que existem mentiras que perduram ao longo da História. É preciso ficar atento: quando algo é imputado de modo leviano, contra a evidência dos fatos é preciso suspeitar. Pode ser que setecentos anos depois se venha a saber de toda a verdade!

E a que atribuir a magnífica instituição da Cavalaria?

À fé católica, pois como dizia o papa Leão XIII, na sua famosa Encíclica "Immortale Dei", sobre a constituição cristã dos Estados:

Tempo houve em que a filosofia do Evangelho governava os Estados. Nessa época, a influência da sabedoria cristã e a sua virtude divina penetravam as leis, as instituições, os costumes dos povos, todas



as categorias e todas as relações da sociedade civil. Então a Religião instituída por Jesus Cristo, solidamente estabelecida no grau de dignidade que lhe é devido, em a toda parte era florescente, graças ao favor dos Príncipes e à proteção legítima dos Magistrados. Então o Sacerdócio e o Império estavam ligados entre si por uma feliz concórdia e pela permuta amistosa de bons ofícios. Organizada assim, a sociedade civil deu frutos superiores a toda a expectativa, cuja memória subsiste e subsistirá, consignada como está em inúmeros documentos que artifício algum dos adversários poderá corromper ou obscurecer.

Se a Europa cristã domou as nações bárbaras e as fez passar da ferocidade para a mansidão, da superstição para a verdade; se repeliu vitoriosamente as invasões muçulmanas, se guardou a supremacia da civilização, e se, em tudo que faz honra à humanidade, constantemente e em toda parte se mostrou guia e mestra; se brindou os povos com a verdadeira liberdade sob essas diversas formas, se sapientissimamente fundou uma multidão de obras para o alívio das misérias; é fora de toda dúvida que, assim, ela é grandemente devedora à religião, sob cuja inspiração e com cujo auxílio empreendeu e realizou tão grandes coisas.

Os Cavaleiros das Ordens Militares deram um exemplo à humanidade, numa determinada época histórica, que foi a Idade Média; -mas poderia ter sido o século XX, XXI ou XXII, pois a sua obra é, em certo sentido, eterna e permanente.

Com seu exemplo, afirmaram que a vida humana não é só ganhar dinheiro, comer, beber, gozar bastante e ter vida folgada, mas que se deve voltar a mente para as coisas superiores.

A dedicação total a um ideal de vida, esta é a mensagem dos cavaleiros templários.



Tal mensagem chega até os nossos dias. Quem responder afirmativamente a ela terá o espírito dos cavaleiros do Templo.

O espírito templário continua, continuará existindo.

Poderemos ser templários hoje, sem túnica de tela ou de linho, sem usar a insígnia da cruz templária: basta que reconheçamos que existem valores com um alcance maior do que o de qualquer outro na terra, os valores religiosos. Se adotarmos essa postura, se admitirmos que a maior luta é a luta da lealdade, frente a frente, se tivermos um ideal de justiça, se nos colocarmos ao lado do mais fraco para defendê-lo do mais forte, a Ordem dos Templários continuará existindo, não terá sido destruída, apesar das fronteiras do tempo, existirá em nossas vidas, pois seremos verdadeiros Templários do século XXI, por uma união no ideal cavaleiresco, que nasceu da Cristandade medieval.

Se, desgraçadamente, a velha Europa, em grande parte, abdicou de seus valores católicos, admitindo o aborto e o casamento homossexual e tentou lançar uma União Européia sem menção a Nosso Senhor Jesus Cristo e ao Cristianismo, sejamos nós, latino-americanos, os herdeiros de tão magnífico legado, sejamos o Último Ocidente, reatemos com tradição do Cruzeiro do Sul, estrela-emblema de nossa vocação histórica de Terras de Santa Cruz. Sejamos Cavaleiros Templários de espírito, de coração... e de ação.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

BORDONOVE, Georges. *La Vie Quotidienne des Templiers au XIIIème Siècle*. Ed. Hachette, Paris, 1975.

BURMAN, Edward. *Templários: Cavaleiros de Deus*. Trad. Paula Rosas, Ed. Record, São Paulo, 1974.

CHARPENTIER, John . *L'Ordre des Templiers*. Ed. Tallandier, Paris, 1977.

CLARAVAL, Bernardo de. *Elogio della Nuova Cavalleria*. Trad. e notas de Mario



Polia. Il Cerchio Ed. Rimini, 2003.

CORRAL, José Luís. "Los Templários en Tierra Santa" in *História National Geographic*, nº 42, Junho 2007 pag.78-91. Barcelona.

DONOSO CORTÉS, Juan. "Carta al Director de la "Revista de Dois Mundos" in *Obras Completas*.,Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1970, vol II, pag. 764.

FARAL, Edmond . "Chévaliers d'autrefois". in *Historia*, nº 90, Paris, Ed. Hachette, 1951, pags.615-620.

FERREIRA, Tito Lívio. *A Ordem de Cristo e o Brasil*. Ed. Ibrasa, São Paulo, 1980.

GAUTIER, Léon . *La Chevalerie*.,Paris, Sanard et Derangeon, , 1880.

GROUSSET, René . *L'Epopée des Croisades* Librairie Perrin, Paris, 2003.

GUILLOUD, Dom Edouard. ' Les Oraisons de la Nouvelle Messe et l'Esprit de la Réforme Liturgique "in *www.salve-regina.com*.

LUDDY,Ailbe J. . *Bernardo de Claraval*.- Trad. de Eduardo Saló. Editora Aster. Lisboa, 1959.

MICHAUD, Joseph- François . *História das Cruzadas*. Trad. de Vicente Pedroso.Ed. das Américas, São Paulo. 1956. 7 vols.

PAPA LEÃO XIII. Encíclica "Immortale Dei" in "Documentos da Igreja".São Paulo, Editora Paulus, 2005.

PERNOUD, Régine. *Os Templários*. trad.Maria de Pilar. Ed.Europa América, Lisboa, 1974.

RIPERT, Pierre. *Les Ordres de Chevalerie Européens*. Ed.De Vecchi, Paris, 2005.

SCHAMONI, Willelm. *El Verdadero Rostro de los Santos*. Barcelona. Ediciones Ariel, 1951.

VÁRIOS AUTORES . "L'Ordre des Templiers"; número especial de *História*, nº 385, Paris,Dezembro de 1978.

VÁRIOS AUTORES. "Les Croisades au -delà des legendes".Dossier especial de



L"Actualité de L'Histoire", Paris. Setembro de 2005